

# EDITORIAL

## «Repensar a Escola: Que Lugar da Escola na Chamada Sociedade Cognitiva?»

O 2º seminário organizado e realizado pela Associação de Sociologia e Antropologia da Educação sobre o tema «Repensar a Escola: Que Lugar da Escola na Chamada Sociedade Cognitiva?» decorreu durante os dias 11 e 12 de Janeiro de 2002, na cidade de Chaves<sup>1</sup>. Dois dias de frio intenso, numa localidade que é, certamente (podemos ser chamados como testemunhas de defesa), um centro gastronómico do país, tiveram o efeito positivo de aquecer a discussão e o debate à volta de um tema que se tornou central nos últimos tempos em quase todos, se não todos, os países da União Europeia.

Este número 18 da revista *Educação, Sociedade & Culturas* publica cinco das comunicações proferidas<sup>2</sup>. A primeira delas, da autoria de Manuel Matos,

<sup>1</sup> Aproveita-se este espaço para agradecer publicamente o apoio recebido do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCI), da Região de Turismo Alto Tâmega e Barroso e da Câmara Municipal de Chaves. Também é de salientar o trabalho e apoio recebidos de Dr.ª Helena Barbieri, Secretária Coordenadora da revista *Educação, Sociedade & Culturas* e das duas alunas do 4º ano da Licenciatura em Ciências da Educação da FPCE/UP Ana Sofia Sousa e Isabel Semblano Ferreira e do Prof. Doutor Américo Peres da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro que se responsabilizou pelo suporte logístico (excelente) local.

<sup>2</sup> Todos os números da revista *Educação, Sociedade & Culturas* incluem resumos dos artigos científicos em português, francês e inglês. Muitas vezes tem sido o trabalho da Direcção da revista fazer, ou simplesmente corrigir, esses resumos. Um indefectível apoio neste trabalho, no que diz respeito aos resumos em língua francesa, tem sido a Natércia Pacheco, investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIE) da FPCE/UP. Queremos assinalar aqui os nossos agradecimentos.

focaliza a sua análise no próprio conceito de «sociedade cognitiva»<sup>3</sup>, problematizando-o e interrogando-o à luz de sua aparente instabilidade: eis a designação «Sociedade de Informação» que aparece no título deste volume e que nos remete, por exemplo, para a trilogia recente de Manuel Castells. O segundo trabalho aqui apresentado fala da relação entre o sócio-económico e o educativo através de uma abordagem do que é intitulado «o novo mandato da nova classe média». Magalhães e Stoer centram a sua análise na reestruturação do mercado de trabalho e as consequências que isto tem para as estratégias políticas da nova classe média. Os três artigos seguintes que publicamos neste número debruçam-se sobre a reconfiguração do campo educativo à luz do conceito de «sociedade cognitiva». Assim, o trabalho de Sérgio Grácio aborda as teorias de reprodução cultural com destaque para o conceito de «educabilidade». Investigação empírica recente parece indicar que, ao contrário do que essas mesmas teorias nos poderiam levar a pensar, a educação escolar não reproduz de uma forma clara as desvantagens de uma socialização num meio de origem não orientado para as aprendizagens escolares. Isto é, a escola, como segunda fonte de socialização, parece colocar em causa, em vez de confirmar, uma primeira socialização não orientada para o sucesso escolar. O artigo de Rosa Nunes também considera a escola eventualmente mais complexa do que a natureza uni-dimensional da chamada «sociedade cognitiva» parece indicar, especialmente face à tendência desta última para promover a tradicional «escola da sociedade» (imposta) em vez de apostar na «escola do sujeito» (construída). O último destes três artigos, o trabalho de Filipe Reis, partilha da mesma lógica explorando o papel da escola na «sociedade cognitiva», não através do que seria um exercício de autismo na aprendizagem da escrita e da leitura, mas, antes, através de uma pedagogia de comunicação capaz de abrir horizontes face às sociedades baseadas nas aprendizagens e na informação/comunicação.

Também publicamos neste número o artigo de João Wanderley Geraldi, colega brasileiro do Instituto de Estudos de Linguística da Unicamp, Campinas, «Culturas Orais e Língua Escrita: três retratos três por quatro». Este trabalho foi apresentado em Portugal na conferência internacional «Línguas: Pontes Cultu-

<sup>3</sup> Como é sabido, este conceito foi introduzido no debate sobre educação pela Comissão Europeia através do livro Branco *Vers la Société Cognitive* da autoria de Edith Cresson em 1995.

rais para o Futuro», organizada pela Associação de Professores de Educação Intercultural (APEDI), a Associação de Professores de Português (APP), e o Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE) da FPCE/UP, em Outubro de 2001 (ano internacional de línguas) Articulando-se com o artigo de Filipe Reis acima referido, este texto de João Wanderley Geraldi abre a imaginação para diferenças linguísticas e históricas no combate à exclusão social. O último artigo, em termos de ordem de publicação, é o artigo «A Aprendizagem Cooperativa numa Pós-Modernidade Crítica», escrito por Nuno Bessa e Anne Marie Fontaine. Trata-se de um trabalho que relaciona formas de ensino-aprendizagem com a emergência de novas relações sociais. Estas são identificadas com a condição pós-moderna, mas igualmente são, pelo menos em parte, as de um capitalismo pós-fordista e as de uma «sociedade cognitiva», ou de informação. Os autores defendem que a condição pós-moderna, analisada numa perspectiva crítica, pode implicar formas de aprendizagem que promovem um sujeito mais autónomo e mais emancipado.

A secção «Diálogos sobre o Vivido» deste número da revista é organizada por Telmo Caria na forma de um debate entre o mesmo e o docente e investigador da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Rui Gomes. Este último tem publicado em tempos recentes uma série de artigos, alguns dos quais baseados na sua tese de doutoramento (intitulada *Legitimação e Contingência da Escola Secundária Portuguesa, 1974-1991 [Arqueologia, Genealogia e Simbólica da Escola]*), que provocaram em Telmo Caria uma série de interrogações sobre as vantagens e desvantagens da análise foucaultiana no campo de educação. O comentário crítico de Telmo e a resposta de Rui Gomes constituem um verdadeiro dispositivo pedagógico e de comunicação que ajuda a mapear o terreno dos trabalhos realizados no campo de Sociologia da Educação, particularmente em Portugal.

As resenhas deste número são baseadas em duas obras de natureza bastante diferente. O livro de Magalhães e Stoer foi escrito como «livro de guerra» no âmbito do debate sobre a educação escolar em Portugal identificado com «os filhos de Rousseau». As duas resenhas aqui publicadas, uma escrita pelo doutorando brasileiro Carlos Machado e a outra pela mestrandia Maria José Araújo, foram apresentadas na altura do lançamento do livro. O livro de António Teodoro sobre as raízes do «atraso» na construção da escola de massas em Por-

rugal e sobre o retomar da mobilização educativa nos anos 50-80 é também baseado na sua tese de doutoramento. A recensão de Stephen R. Stoer resultou do discurso feito na altura do seu lançamento.

### **O Instituto de Inovação Educacional (IIE) e a revista *Educação, Sociedade & Culturas***

Como é sabido, o Instituto de Inovação Educacional (IIE) foi extinto pelo actual Governo. Desde o seu início, este Instituto foi um apoiante incondicional desta publicação, tendo atribuído um subsídio anual e, através deste subsídio, garantido a sua distribuição a importantes centros e instituições de educação. Além do subsídio, o IIE mostrou-se amigo da revista *Educação, Sociedade & Culturals* em numerosas ocasiões não só através de reconhecimento público da qualidade da revista como através de disponibilidade quanto à participação em lançamentos e outras actividades da revista e da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação.

Lamentamos o seu desaparecimento sobretudo como importante espaço de «mediação pedagógica», nas palavras de José Alberto Correia. Isto é, consideramos que o IIE constituía um importante colectivo no campo de educação tornando possível intervenção e investigação em educação. O IIE funcionava simultaneamente como parte do campo oficial de recontextualização dos textos educativos e como parte do campo pedagógico de recontextualização. O seu desaparecimento ameaça sobretudo este último, assim centralizando ainda mais o discurso sobre educação no Ministério da Educação, isto é, no campo oficial de recontextualização. Como consequência desta situação, esta revista terá de procurar outras fontes de financiamento que se espera que não venham a colocar em causa o seu projecto e a sua contribuição à definição da autonomia relativa do discurso pedagógico.

*Steve Stoer*